

Jornalismo e subjetividade: a poética da grande reportagem¹

Renato Essenfelder

Professor e pesquisador do Programa de Mestrado Profissional em Produção Jornalística e Mercado da ESPM-SP, em que coordena a linha de pesquisa Produção de Conteúdo. É doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, e mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Jornalista e colunista do Portal Estadão fez carreira como repórter e editor nos maiores jornais brasileiros e, atualmente, conduz pesquisas nos campos da narratologia aplicada ao jornalismo e da ética.

E-mail: renato.essenfelder@espm.br.

Resumo: O artigo é resultado do projeto desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa Produção de Conteúdo, ligado ao Mestrado Profissional em Produção Jornalística e Mercado da ESPM-SP, e aplica o método da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística para mapear e analisar as estratégias de subjetivação em uso em uma grande reportagem do site Brio, especializado em jornalismo de longo formato. Na reportagem selecionada, que aborda a maior tragédia ambiental da história do país, ocorrida em Mariana (MG) no final de 2015, verificou-se que os recursos típicos da literatura que aparecem com mais frequência e evidência são metáforas e expressões realçadoras da intensidade dramática do relato, como adjetivos e advérbios. No texto, o uso de recursos típicos da literatura parece estar a serviço não apenas de uma preocupação estética, mas também, paradoxalmente, de um esforço de autenticação do discurso jornalístico como portador da verdade ao sublinhar a presença do repórter *in loco* no local da tragédia, frente a frente com suas vítimas.

Palavras-chave: Jornalismo literário; Reportagem; Grande reportagem; Narrativa; Análise pragmática da narrativa jornalística.

Title: Journalism and subjectivity: the poetics of the large report

Abstract: The article is a result of a project developed within the scope of the Content Production Research Group, linked to the Professional Masters in Journalistic Production and Market of ESPM-SP, and applies the Pragmatic Analysis of Journalistic Narrative method to map and analyze the strategies of subjectivation in use in a large report of the site *Brio*, specialized in long format journalism. In the selected article, which addresses the greatest environmental tragedy in the country's history, which occurred in Mariana, in the state of Minas Gerais/Brazil, at the end of 2015, it was verified that the typical features of the literature that appear more frequently are metaphors and expressions that emphasize the dramatic intensity of the story, such as adjectives and adverbs. In the text, the use of typical literature features seems to serve not only an aesthetic concern, but also, paradoxically, an effort to authenticate journalistic discourse as truth-bearer, by emphasizing the presence of an on-site reporter, face to face with the tragedy's victims.

Keywords: Literary journalism; Report; Large report; Narrative; Pragmatic analysis of journalistic narrative.

¹ Uma versão deste trabalho foi apresentada no IX Simpósio Nacional da ABCiber, em São Paulo, SP, dezembro de 2016.

Introdução

Embora os manuais de redação e de jornalismo tentem, de modo geral, negar a dimensão narrativa dessa atividade, buscando equipará-la a um relato fidedigno da “verdade dos fatos”, essa perspectiva não resiste a um exame mais aprofundado.

Entende-se que tal preocupação esteja associada ao próprio *ethos* do campo jornalístico, em cujo núcleo, ao longo da maior parte do século XX, encontramos os valores da objetividade e da imparcialidade. Como que para confirmar esse paradigma, o jornalismo enquanto técnica muitas vezes confina o repórter aos limites de uma máquina, tornando-o uma caricatura despersonalizada, dessubjetivada, negando seu reconhecimento como ser humano pleno.

A afirmação pode soar exacerbada, mas não é. Negar a dimensão narrativa do jornalismo é negar a própria humanidade do jornalista, pois “o jornalista não divulga, constrói mundos. Não é uma máquina, mas um narrador: um autor das narrativas da contemporaneidade” (ESSENFELDER, 2016: 45).

Neste estudo, investigamos um formato de excelência da narrativa jornalística – a grande reportagem – para mapear e analisar as estratégias narrativas em uso, em especial os recursos que aproximam o texto da literatura, como a construção de personagens, o encadeamento de conflitos e a própria linguagem empregada. Assim, esperamos ao mesmo tempo contribuir para a difusão do paradigma do jornalista como autor-criador de histórias reais e, também, avançar no entendimento da estrutura de texto que novos veículos jornalísticos estão aplicando em suas narrativas na internet e como estas dialogam com o campo da arte.

Lembramos, inicialmente, a partir dos estudos de Motta (2005a), que narração e narrativa não são caprichos de artistas ou indivíduos ditos criativos, são uma necessidade de nossa espécie: “Narrar é uma prática humana universal, trans-histórica, pancultural. Todos os povos, culturas, nações e civilizações se construíram narrando” (MOTTA, 2005a: 6).

Para além da reivindicação do *status* narrativo do jornalismo, apresentaremos uma análise de reportagem para explicitar os recursos narrativos que a grande reportagem jornalística, um dos gêneros mais nobres do campo, pode utilizar para tecer a história do presente – tanto em termos de estrutura como em termos de cuidadosos recursos de linguagem que aproximam a grande reportagem da arte. Para tanto, aplicamos o método da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (MOTTA, 2007) à primeira parte da reportagem “A morte do Caboclo d’Água” (Figura 1), do site de jornalismo independente Brio, lançado em 2014 e já reconhecido e premiado em mais de uma ocasião. No Brio, chamam atenção a qualidade dos textos, a fidelidade à estrutura do jornalismo de longo formato (ou *longform journalism*), a liberdade criativa dos repórteres e o desejo explícito de inovar na forma de contar histórias – no caso, a história da tragédia ambiental de Mariana (MG) após o rompimento da barragem da Samarco em novembro de 2015.



Figura 1: Abertura da reportagem “A morte do Caboclo d’Água” (MENDES; SALVO, 2016)

² O levantamento completo está disponível em: <<https://goo.gl/TNakPK>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

O Brio foi selecionado para essa análise a partir do banco de dados produzido por levantamento do ESPM Media Lab² com mais de 120 iniciativas inovadoras em jornalismo digital. Separamos as 37 iniciativas brasileiras constantes da lista e, a partir de então, filtramos os resultados segundo os critérios: (1) formato, pois em alguns casos a iniciativa listada não compreendia uma reportagem, mas sim experiências de jornalismo colaborativo, como mapas colaborativos; (2) independência, pois foram excluídas as iniciativas ligadas a grandes grupos de mídia, como Abril e UOL, em uma tentativa de compreender melhor como grupos menores e mais novos, nativos digitais, estão trabalhando com as narrativas jornalísticas; (3) geográfico, pois, apesar de serem iniciativas digitais, buscamos iniciativas mais próximas do pesquisador, em São Paulo, que possibilitem um aprofundamento em pesquisas posteriores, com entrevistas pessoais e estudos de caso. Sobre o Brio, sumariza Deak:

Uma plataforma com mais de 20 jornalistas independentes, alguns deles com prêmios Pulitzer e Esso, que apostam no leitor como forma de financiamento: não aceitam publicidade; vendem reportagens avulsas, ou assinaturas mensais. De cada venda, o site fica com 45% e os jornalistas autores com 55%. Grandes reportagens, dos lugares mais incríveis do planeta, fazem parte do acervo. Também têm a seção *watchdog*, com reportagens investigativas patrocinadas por fundações e distribuídas gratuitamente. Uma delas é sobre o BNDES. Com cinco meses de existência, ganharam o prêmio CNT Bio de jornalismo para internet, em novembro de 2015. (DEAK, 2016)

Este estudo faz parte de uma pesquisa mais abrangente desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisa em Produção de Conteúdo do Mestrado Profissional em Produção Jornalística e Mercado da ESPM-SP, coordenado pelo autor.

A dimensão narrativa do jornalismo

Mas, se narrar é necessário, o que é a narrativa? O termo comporta muitas definições. Inicialmente, podemos entendê-lo como “relato de determinada sequência de acontecimentos reais ou inventados” (MINCHILLO; CABRAL, 1989: 1). Em dicionários como o Aurélio (NARRATIVA, 2016), a palavra narrativa é definida como sinônimo de “história”. Na tradição escolar, conforme recorda Maria Inez Matoso Silveira:

Além de ser um tipo de texto bem marcado, a narrativa é também muito flexível, já que pode realizar diferentes tipos de discurso. Assim sendo, a narrativa aparece na própria narração, na instrução, na exposição, na descrição e na argumentação. A recíproca, porém, não é verdadeira: nenhum outro tipo de texto pode realizar a narração, pois o discurso narrativo tem como característica intrínseca a chamada juntura temporal que não pode ser alterada, sob pena de se modificar seriamente o conteúdo semântico da narrativa. (SILVEIRA, 1999: 286)

Nas últimas décadas os estudos sobre a narrativa, prossegue Silveira (1999), já extrapolaram a teoria da literatura e passaram a despontar em áreas como, entre outras, a linguística textual e a psicologia cognitiva.

Não à toa, a relação entre narrativa e identidade, ou entre a narrativa e a constituição do(s) sujeito(s), é destacada por autores de diversos campos. O antropólogo John Niles (1999), por exemplo, afirma que o advento da narrativa é a base para o desenvolvimento da espécie humana. Narrando, formaram-se todas as civilizações, todas as culturas. Roland Barthes et al. (1971), um dos principais pensadores dessa área, observou que a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades, e “começa

com a própria história da humanidade”. Estudar a narrativa é, para Ricoeur (1994), estudar a forma como os seres humanos vivenciam e representam o tempo. É, também, o estudo de como o homem vivencia e significa o próprio mundo. Conforme outro pesquisador importante da área, o norte-americano Jerome Bruner:

Começa a ficar claro porque a narrativa é um veículo tão natural para a psicologia popular. Ela lida (quase que a partir da primeira fala da criança) com o material da ação e da intencionalidade humana. Ela intermedeia o mundo canônico da cultura e o mundo mais idiossincrático dos desejos, crenças e esperanças. Ela torna o excepcional compreensível e mantém afastado o que é estranho, salvo quando o estranho é necessário como um tropo. Ela reitera as normas da sociedade sem ser didática. Ela pode até mesmo ensinar, conservar a memória ou alterar o passado. (BRUNER, 1997: 52)

Para a jornalista e pesquisadora Cremilda Medina, a narrativa é o resultado da capacidade do homem de organizar o caos. “Da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, o *sapiens* organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui uma outra realidade, a simbólica” (MEDINA, 2006: 67). Roland Barthes (1971) enfatiza que a história da narrativa “começa com a própria história da humanidade”. Somos, para Foucault (2000), “seres de linguagem, e não seres que possuem linguagem”.

Por isso, reconhecer a dimensão narrativa do jornalismo, revendo desde seus manuais de redação mais técnicos até o ensino nas escolas de jornalismo, e aprender mais sobre ela não apenas enriquece nossa experiência como autores e leitores, mas valoriza e dignifica o próprio jornalismo, fragilizado no cenário contemporâneo de crise de paradigmas.

Narratividade em “A morte do Caboclo d’Água”

Seguindo a metodologia proposta por Motta (2007), a análise pragmática da narrativa jornalística, e aplicando métodos da análise de conteúdo à reportagem “A morte do Caboclo d’Água” (MENDES; SALVO, 2016), procuramos identificar os elementos que nos permitem afirmar não apenas que o texto em questão é uma autêntica narrativa, mas, além disso, precisar quais recursos narrativos estão sendo mobilizados para gerar *efeitos de objetivação* e de *subjetivação* e para analisar, ainda, como se dá a composição narrativa em termos de personagens e conflitos.

Com este estudo, pretendemos, portanto, ao mesmo tempo alargar as fronteiras do entendimento do jornalismo como narrativa e, também, mapear os recursos atualmente em uso em grandes reportagens da internet para compreender melhor sua função no contexto jornalístico.

Motta (2007) desenvolveu uma metodologia de análise que dialoga com a narratologia e a transporta ao universo jornalístico. Seu método compreende seis etapas – que o autor denomina *movimentos*. São eles: (1) recomposição, no caso de série de notícias ou reportagens, de intriga ou acontecimento jornalístico; (2) identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios; (3) análise da construção das personagens jornalísticas (no nível discursivo); (4) análise de estratégias comunicativas; (5) apontar a relação comunicativa e o “contrato cognitivo” entre narrador e narratário e, por fim, (6) identificar os significados de fundo moral ou fábula da história.

O autor sugere, ainda, que os movimentos metodológicos de análise pragmática da narrativa jornalística sejam adaptados pelo analista de acordo com sua realidade e seus objetivos. No caso em questão, optamos por proceder aos

movimentos 2, 3 e 4, que se mostraram os mais alinhados à nossa proposta, para analisar o primeiro ato da reportagem “A morte do Caboclo d’Água”.

Iniciamos o trabalho pelo segundo movimento, que é o de *identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios*. É em torno do conflito que os demais elementos de enredo se organizam, o que lhe confere o status de núcleo da narrativa, segundo Motta (2007). A partir do conflito encontramos os episódios da narrativa e identificamos suas funções. Os episódios são, por sua vez, unidades narrativas intermediárias, “que relatam ações relativamente autônomas, as quais vão gerando as transformações narradas ao longo da história” (DÜREN, 2013: 112). Motta (2007) sugere que os episódios sejam batizados conforme sua função – situação estável, clímax, vitória, desfecho, punição, recompensa, etc. Analisando os episódios podemos perceber como o autor tece a narrativa de forma a criar, no público, efeitos de tensão, humor, medo, suspense, etc.

No terceiro movimento faremos a quantificação e análise das personagens jornalísticas citadas na reportagem. No quarto movimento, faremos a análise de estratégias comunicativas, buscando em especial identificar recursos usados para produzir certos efeitos de sentido. Motta (2005b) sugere que seja feita uma distinção entre *estratégias de objetivação* e *estratégias de subjetivação* na classificação desses dispositivos.

As primeiras, as estratégias de objetivação, buscam criar no leitor a sensação de verdade, de absoluto realismo, reforçando o status do jornalismo como discurso autorizado a reproduzir a realidade. No jornalismo, o efeito autenticador do texto pode ser produzido de diversas maneiras, como a identificação de dados referentes a locais ou períodos empiricamente verificáveis, reprodução de falas no discurso direto (como se o jornalista não fosse parte da história), reprodução exata de cifras e grandezas variadas, uso de números e estatísticas em geral, citação de documentos, entre outros.

Já as estratégias de subjetivação estão ligadas aos efeitos poéticos que o texto constrói, provocando emoções no leitor. Segundo Motta:

Tal como os efeitos de real, recursos da retórica jornalística induzem os leitores, ouvintes e telespectadores a diversos tipos e graus de comoção. Esses recursos abundam nas manchetes e títulos tanto quanto nos textos, tanto nas ilustrações e charges como nas fotografias e imagens televisivas. Estão nas escolhas léxicas, no uso de verbos prospectivos, verbos de sentimento, verbos negativos, verbos de conselho, de advertência, etc.; no uso de adjetivos afetivos, potenciais ou adjetivos de possessão; no uso de substantivos estigmatizados como terroristas, radicais, pivetes, etc. Estão nas exclamações, interrogações, comparações, ênfases, repetições e reticências, mais comuns no noticiário que se pensa. Estão nas figuras de linguagem (metáforas, sinédoques, sinonímia, hipérboles). Estão nas ironias e paródias, que abrem âmbitos de significação. Estão nos conteúdos implícitos, nas implicaturas de advérbios como “apenas”, “de novo”, “só”, “ainda”, comuns nas manchetes. Estão nas pressuposições e tantos outros recursos linguísticos e extra linguísticos que proliferam na linguagem jornalística verbal e audiovisual. É impossível enumera-los ou classifica-los, tal a sua abundância no noticiário. (2005: 10-11)

Para executar a contento o movimento de análise das estratégias comunicativas, elaboramos, a partir dos estudos de Düren (2013), as seguintes categorias de classificação de recursos expressivos. Quanto às estratégias de objetivação, buscamos no *corpus* as seguintes ocorrências:

- Descrição funcional e didatismos: descrição de pessoa, objeto, cenário ou ação com uma finalidade clara ligada à interpretação da história ou então com fins didáticos.

- Citações literais (travessão e aspas): emprego do discurso direto para sinalizar a fala dos entrevistados.
- Números/estatísticas: emprego de numerais para objetivar a narrativa.
- Nomes próprios: citação do nome completo das personagens.
- Instituições: identificação de empresas, associações, ONGs, fundações etc.).
- Lugares: localidades identificadas no texto.
- Datas e horários.

Quanto às estratégias de subjetivação, buscamos identificar:

- Descrição pormenorizada: ao contrário da descrição funcional, cujo propósito está claro no contexto informativo do jornalismo, nesse caso a descrição detalhada não acrescenta informação para o entendimento do fato enquanto fato. Acrescenta apenas informação subjetiva, impressionista: se uma personagem tem “ar de garotão”, por exemplo, como ocorre na reportagem analisada.
- Figuras de linguagem: metáforas, metonímias, hipérboles, eufemismos, onomatopeias, entre outras.
- Verbos de expressão subjetiva: agrupamos sob esta rubrica o que Motta designa como “verbos prospectivos, verbos de sentimento, verbos negativos, verbos de conselho, de advertência etc.” (MOTTA, 2005: 12).
- Ênfase/intensidade: trechos em que o autor realça o apelo dramático de um momento da história por meio de adjetivos, pontuação (exclamações, reticências) ou pelo emprego de figuras de linguagem específicas.

Embora tenhamos realizado a classificação das estratégias de objetivação na pesquisa concluída no âmbito do Grupo de Pesquisa Produção de Conteúdo, da qual se origina este trabalho, não iremos aprofundar a questão nesse espaço por considerarmos que tais estratégias são razoavelmente conhecidas pela comunidade acadêmica e que há ampla literatura sobre elas. Por tal motivo optamos por nos concentrarmos no aspecto menos citado por estudos da área: as estratégias de subjetivação efetivamente empregadas no texto jornalístico – em especial, na grande reportagem veiculada na internet contemporaneamente.

Sobre os conflitos (segundo movimento de análise proposto por Motta), identificamos no conjunto da reportagem “A morte do Caboclo d’Água”, em uma primeira leitura, um conflito central: homem versus natureza. É a história de como homens e mulheres comuns e de pouca instrução, de uma minúscula cidade mineira, tentam se salvar da fúria destruidora da natureza: a inundação de água e lama que varre territórios inteiros. Já uma segunda análise revela a ocorrência de um segundo conflito, o do Homem versus corporação (cujo tema de fundo é a ganância). À medida que o texto avança, vemos como a mineradora Samarco contribuiu para o acidente com medidas que visavam tão somente maximizar lucros.

Se comparamos essa reportagem a uma novela – e defendemos aqui a classificação de *reportagem-novela* para textos do tipo – falaria de homens lutando contra a força da natureza, enquanto ambos sofrem as consequências

da ganância de megacorporações como a Samarco. Em paralelo, observaríamos conflitos menores em andamento, como, no caso, (1) a luta das famílias para salvarem a si próprias e os seus pertences, e (2) a luta de moradores para alertar vizinhos e amigos sobre o rompimento da barragem.

A narrativa de “A morte do Caboclo d’Água” se move entre esses eixos, de conflito em conflito, não em linha reta, como seria de se esperar em um texto jornalístico, mas numa espiral que percorre várias dimensões narrativas repetidas vezes. O diagrama a seguir ilustra esse processo em “A morte do Caboclo d’Água”.

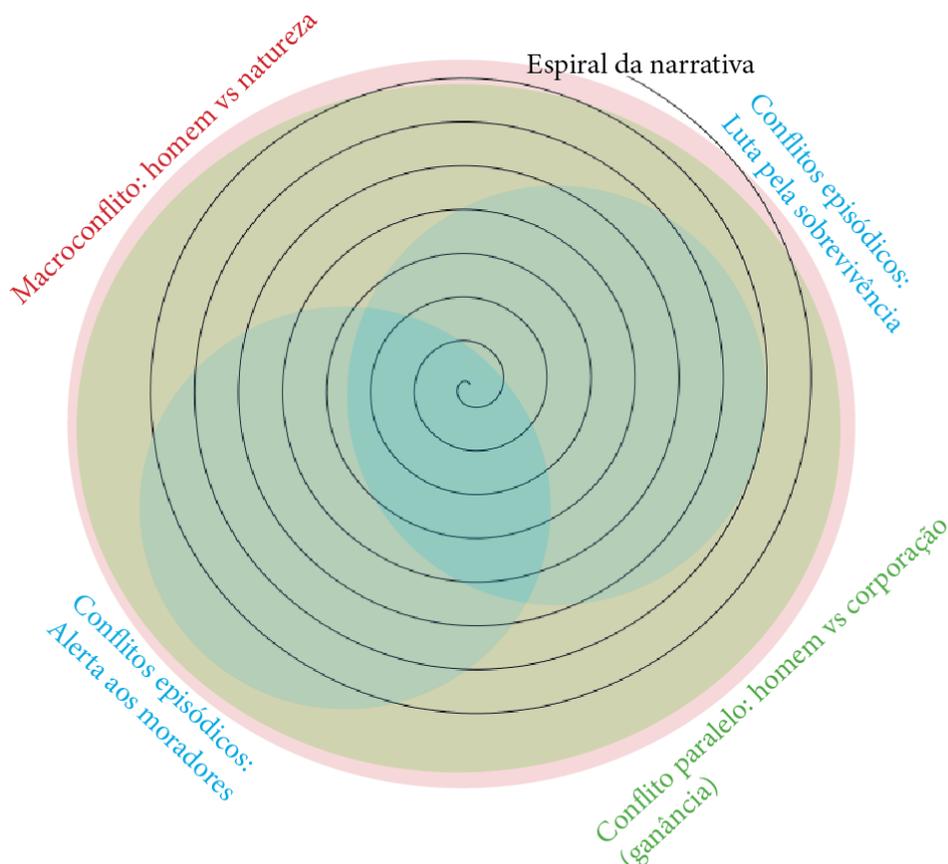


Figura 2: Espiral narrativa em relação aos conflitos de “A morte do Caboclo d’Água”

No jornalismo noticioso, afeito ao uso do *lead*, a leitura é, em geral, linear: avança do ponto A ao ponto B sem muitas surpresas ou rodeios. Já em “A morte do Caboclo d’Água”, o narrador abre o texto (Ato 1) com acontecimentos miúdos, informações sem importância crucial: o cotidiano de um motorista de caminhão da Samarco. Logo abaixo, o autor introduz um clímax: a barragem que se rompe e provoca a tragédia ambiental em Mariana (MG) – indo, portanto, do desimportante ao importante. No Ato 2, o conflito gira em torno do desespero das primeiras horas pós-vazamento. No Ato 3, as autoras promovem uma digressão histórica sobre a Samarco. No Ato 4, narram-se a limpeza e a contabilização de perdas dos moradores. Por fim, no Ato 5, um balanço geral da tragédia e as investigações sobre suas causas.

Nos atos 2 e 5 é que surge a história do Caboclo d’Água, que intitula a reportagem. Descobrimos que se trata de uma estátua monstruosa existente na região, de um ser folclórico que mataria pessoas e animais, como um *chupa-cabras*. No texto, o Caboclo incorpora a metáfora da besta que é ora a natureza selvagem, provocada, ora o castigo da ganância dos homens. A Tabela 1, a seguir, aponta as tramas de cada ato da reportagem, seu tamanho e os intertítulos utilizados. No total, o texto possui 103.453 caracteres – ou cerca de 40 páginas em *Word* seguindo as

normas da ABNT. Uma reportagem dessa extensão poderia, no contexto literário, ser comparada a uma *novela*.

Ato	Trama	Intertítulos	Extensão (caracteres com espaços)
Ato 1	O rompimento da barragem; primeiras reações; incredulidade.	O chão treme. Um gabinete de crise no bar.	13.629
Ato 2	A luta pela sobrevivência e para alertar o povoado da tragédia.	Papo de caboclo. “Não era algo de Deus.”	16.916
Ato 3	Uma digressão histórica: a chegada da Samarco à região. Questões burocráticas e suspeitas a respeito de outras questões ambientais da empresa.	O Antes.	22.481
Ato 4	<i>Day after</i> da tragédia na comunidade. Limpeza. Constatação das perdas.	Enterro dos ossos. O que a lama roubou.	13.570
Ato 5	<i>Day after</i> da tragédia para os trabalhadores da Samarco. Investigações. Histórico das licenças ambientais específicas da barragem rompida.	Tragédia em muitos atos. Leis da física. Não quero o barro.	36.857

Tabela 1: Divisão de tramas por Ato de “A morte do Caboclo d’Água”

O último ato é o mais longo de todos, o que parece aproximar a obra de uma morfologia literária, quando no último ato se realiza o balanço de todas as ações (e omissões) que levaram à tragédia e se apresenta um desfecho – aliás, bastante poético, de novo recorrendo à metáfora da estátua do Caboclo d’Água para amarrar um desfecho inconclusivo. Como segue:

No portal de Barra Longa, a lama compete com a escultura do Caboclo d’Água. Enquanto esperam para ver quem vence essa disputa pela cidade, os moradores protestam para ter sua Barra Longa de volta. No último dia 5 de dezembro, a mãe de Toninho Papagaio, Maria Lopes do Carmo, 82 anos, conhecida como Dona Maria Papagaio, mesmo cega e na cadeira de rodas, protestava como podia, com o seguinte cartaz no peito:

Quero a Barra dos meus filhos
Quero a Barra dos meus netos
Quero a Barra dos meus bisnetos
Quero minha Barra Longa
Quero a Barra
Não quero o Barro. (MENDES; SALVO, 2016)

No que diz respeito às personagens, nosso levantamento apontou a existência de 78 fontes de informação citadas no texto. Entre as cinco mais recorrentes na matéria, considerando a integralidade da reportagem, encontramos: Antônio Eusébio do Carmo, o Toninho Papagaio (35 menções), Ministério Público de Minas Gerais (24), Renato, motorista de caminhão de uma empreiteira que presta serviços para a Samarco (22), Copam – Conselho Estadual de Política Ambiental

de Minas Gerais (16), e Feam – Fundação Estadual do Meio Ambiente de Minas Gerais (14).

Além dessas, convém ressaltar que o Caboclo d’Água, descrito como “figura monstruosa, mistura de humano e gorila, que habitaria as águas do [rio] Carmo” é citado dez vezes na reportagem, o que o colocaria na oitava posição entre as fontes mais recorrentes no texto, caso o considerássemos fonte. O fenômeno ilustra a força metafórica do texto e, novamente, o aproxima da literatura.

Também cabe destacar que, das três fontes mais citadas, duas são pessoais (e pessoas comuns, um taxista e um motorista de caminhão, sem status de “autoridades”) e a restante, uma instituição, o MP-MG. Esse balanço é revelador de como as autoras dão mais importância à narrativa dos cidadãos comuns como protagonistas e autoridades efetivas, portanto, para falar daquela tragédia.

A reportagem se aproxima da literatura não apenas no que tange ao número de menções de personagens comuns que fazem coisas extraordinárias, mas também considerando o contexto e tratamento delas no texto.

Estratégias de objetivação e de subjetivação

O mapeamento e análise das estratégias de objetivação e de subjetivação empregadas no Ato 1 de “A morte do Caboclo d’Água” revela uma complexa rede composta por 177 estratégias narrativas, sendo 67 de subjetivação e 110 de objetivação. Como seria de se esperar, dadas as características do texto jornalístico clássico – em que Lage (2006) vê o primado da clareza –, recursos objetivos são de fato mais frequentes no texto. Não obstante, a quantidade de estratégias mobilizadas pelas autoras para expressar signos subjetivos, com valor emocional ou estético, e, com isso, conquistar a adesão de seus leitores, impressiona. Mais do que isso, as estratégias de subjetivação aparecem entranhadas na própria estrutura narrativa e não restritas a determinado momento do texto (a abertura ou o final, por exemplo). Ao contrário: o texto inteiro flerta com a linguagem do romance.

Quantitativamente, as estratégias aparecem com a seguinte frequência:

Sistema de Códigos			
▼	🔴 Estratégias de subjetivação		0
	🔴 Descrição pormenorizada	11	11
▼	🔴 Figuras de linguagem	20	20
▶	🔴 Verbos de sentimento	12	12
	🔴 Ênfase / intensidade	24	24
▼	🔴 Estratégias de objetivação		0
	🔴 Citações em aspas e travessões	21	21
	🔴 Descrição funcional e didatismos	10	10
	🔴 Estatísticas e números	17	17
	🔴 Nomes	12	12
	🔴 Instituições	5	5
	🔴 Lugares	27	27
	🔴 Datas, horários etc.	18	18
	Σ SOMA	177	0 0 177

Tabela 2: Ocorrências de estratégias de subjetivação e de objetivação

Todos os recursos previamente definidos foram encontrados em nosso *corpus*. No tocante às estratégias de subjetivação, surpreende a variedade e a quantidade de estratégias em uso. Das quatro categorias de subjetivação propostas, a mais frequente foi de “ênfase/intensidade” (com 24 ocorrências). Esse tipo de recurso é usado para realçar o apelo dramático de um momento da história – em geral, manifestado por adjetivos, pelo uso da pontuação (por exemplo exclamações e reticências) ou pelo emprego de figuras de linguagem específicas. Entre os adjetivos usados no texto, ressaltamos construções como “volume magistral”, “lama [que] avançava impiedosamente” e “vazando violenta e descontroladamente sobre a natureza”.

A outra estratégia de subjetivação mais usada na reportagem foi a “figura de linguagem”, mais especificamente, as metáforas. Elas aparecem em trechos como “sopa lamacenta”, “nacos de montanha”, a lama que desce “engolindo tudo” ou “mar de lama”. A metáfora é, aliás, uma marca importante da reportagem, pois dá o tom de todo o texto, desde o título.

Considerações finais

Pretendemos neste trabalho identificar algumas das principais estratégias que uma grande reportagem de internet se utiliza, em diálogo com a literatura, para seduzir o leitor – ao mesmo tempo ajudando a autenticar a narrativa, inserindo-a no campo da não-ficção, e causando efeitos como a comoção ou o deleite estético.

Após uma minuciosa análise do *corpus*, composto parte pelo texto integral da reportagem “A morte do Caboclo d’Água” (para identificar personagens, fontes de informação e conflitos), parte pelo seu primeiro ato apenas (para esmiuçar as estratégias de objetivação e de subjetivação), mostramos que os recursos que flertam com a linguagem literária que aparecem com mais frequência no texto foram figuras de linguagem, principalmente metáforas, e expressões que sublinham a dramaticidade dos fatos narrados, em especial adjetivos e advérbios de modo.

Pudemos ver que os recursos da narrativa literária usados nessa reportagem estão dispostos de maneira orgânica na narrativa, ou seja, fazem parte de sua concepção e não aparecem concentrados em determinado trecho do texto. Assim, o texto jornalístico-literário se realiza desde a etapa de concepção da pauta até a edição final do texto. É um projeto que abrange toda a reportagem e não um recurso de edição ou de redação acrescentado *a posteriori*. Isso porque demanda esforços adicionais do jornalista na elaboração de sua pauta e, principalmente, na pesquisa de campo, na observação dos fenômenos a serem narrados e de suas personagens, mais ricamente trabalhadas.

A estrutura do texto se mostrou também peculiar em relação às construções do jornalismo informativo. Os episódios, marcados por conflitos bem delimitados, vem e vão na narrativa em uma forma espiralada ou elíptica e não em linha reta. Como numa novela, diversos núcleos dramáticos se intercalam.

Dos cinco atos da reportagem, notamos que o mais longo, com quase o triplo da extensão dos anteriores, é o último. Essa opção é típica de obras artísticas como romances, em que o último ato é decisivo, em que o clímax e epílogo dos eventos narrados se apresentam – ao contrário do que acontece no jornalismo informativo, no qual se dá mais importância ao que ocorre no início dos textos.

Por fim, cumpre notar o rico trabalho de desenvolvimento e apresentação das personagens. Além disso, a opção por fontes “anônimas” marca o texto. Basta lembrar que a personagem mais citada no texto, o taxista “Toninho Papagaio”, aparece nele 35 vezes. É mais que o triplo das ocorrências da fonte oficial mais citada nominalmente, o promotor de Justiça Carlos Eduardo Ferreira Pinto.

Além disso, ao volume de citações se soma também uma preocupação qualitativa. Toninho não é apenas “um taxista”, mas, entre diversas menções, alguém “de cabelos brancos até os ombros, com ar de garotão reforçado pelos óculos escuros servindo de tiara” (MENDES; SALVO, 2016).

O texto jornalístico-literário analisado parece se constituir, no nível narrativo, sobre o tripé linguagem – estrutura – personagens. É interessante notar, ainda, que os recursos provenientes da literatura que aparecem no texto em questão não obedecem apenas a uma função estética, despertando maior interesse e prazer no leitor, mas também são elementos *autenticadores*, ou seja, geram efeito de realidade (BARTHES, 1984). Isso acontece em diversos momentos do texto, em especial nas descrições que a um só tempo seduzem, ambientam o leitor e também marcam a presença do repórter na história: dos olhos do repórter, ouvidos do repórter, faro do repórter. A literatura no jornalismo agrada pelo esmero que exige na preparação dos textos e também parece demonstrar a imensa intimidade do repórter com seu objeto de análise.

Embora pareça paradoxal, notamos, com Barthes (1984), que ao *naturalizar* o leitor a determinado cenário/ambiente, os recursos de subjetivação autêntica o discurso do repórter: efeito fundamental no discurso jornalístico, considerando o pacto de verdade que historicamente se estabeleceu entre jornalistas e audiência.

Jornalismo e literatura, ao se encontrarem na grande reportagem de internet – ainda incorporando, no Brasil, os recursos multimídia –, atualizam-se para o século XXI e se tornam mais complexos e interessantes, como constatou Soster (2012). Em tempos de crise de paradigmas no universo jornalístico, e em tantos outros, cabe ouvir as contribuições que a narrativa, a mais ancestral e necessária forma de significação do mundo, tem a oferecer ao campo em toda a sua riqueza e multiplicidade.

Referências

BARTHES, R. O efeito de real. In: BARTHES, R. et al. *Literatura e realidade* (que é o realismo?). Tradução Tereza Coelho. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984. p. 87-97.

BARTHES, R. et al. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 1971.

BRUNER, J. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

DEAK, A. Conheça 60 casos de narrativas inovadoras do jornalismo. *The Huffington Post Brasil*, São Paulo, 26 jan. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/9uwlFC>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

DÜREN, R. L. *Mais real que a realidade: a obra 1808 e o uso de elementos da narrativa literária pelo jornalismo*. 2013. 204 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/UbqLN0>>. Acesso em: 07 jul. 2016.

ESSENFELDER, R. De transmissor a narrador: desconstrução de estereótipos sobre jornalistas. *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo*, Brasília, DF, v. 6, n. 18, p. 31-47, jan./jun. 2016.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LAGE, N. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 2006.

MEDINA, C. *O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo: Paulus, 2006.

MENDES, K.; SALVO, M. P. A morte do Caboclo d'Água. *Brio*, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/kyYF2a>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

MINCHILLO, C. A. C.; CABRAL, I. C. *A narração: teoria e prática*. São Paulo: Atual, 1989.

MOTTA, L. G. *Narratologia: teoria e análise da narrativa jornalística*. Brasília, DF: Casa das Musas, 2005a.

_____. A análise pragmática da narrativa jornalística. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2005, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* São Paulo: Intercom, 2005b. Disponível em: <<https://goo.gl/MYI5Xv>>. Acesso em: 20 maio 2016.

_____. Análise pragmática da narrativa jornalística. In.: LAGO, C.; BENETTI, M. (Orgs.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 143-167.

NARRATIVA. In: DICIONÁRIO eletrônico Aurélio. Curitiba: Positivo, 2017.

NILES, J. *Homo Narrans: the poetics and anthropology of oral Literature*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999.

RICOUER, P. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994.

SILVEIRA, M. I. M. A importância da narrativa oral no ensino da língua portuguesa na escola fundamental. In: MOURA, D. (Org.). *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: Edufal, 1999.

SOSTER, D. A. Sistemas, complexidades e dialogias: narrativas jornalísticas reconfiguradas. In: PICCININ, F.; SOSTER, D. A. (Orgs.). *Narrativas comunicacionais complexificadas*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012. p. 89-110.